

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Mariana de Almeida de Moura

**A ESCOLA PARA E COM AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: DIÁLOGOS FORMATIVOS**

**São Caetano do Sul
2021**

MARIANA DE ALMEIDA DE MOURA

**A ESCOLA PARA E COM AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE
ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: DIÁLOGOS FORMATIVOS**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado Profissional - da Universidade Municipal de São Caetano do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Formação de Professores e Gestores

Orientadora: Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva

**São Caetano do Sul
2021**

SUMÁRIO

1 A ESCOLA PARA E COM AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: DIÁLOGOS FORMATIVOS	1
1.1 Descrição da proposta do produto	3
1.1.1 Primeiro encontro: “A criança em situação de acolhimento institucional”	4
1.1.2 Segundo encontro: “As (in)visibilidades intrínsecas à relação escola/criança acolhida”	5
1.1.3 Terceiro encontro: “Práticas Pedagógicas, dificuldades e possibilidades na docência da criança sob tutela pública”	6
1.1.4 Quarto encontro: “A valorização das diferenças contra qualquer forma de segregação”	6
REFERÊNCIAS	10
ANEXO A	12

1 A ESCOLA PARA E COM AS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL: DIÁLOGOS FORMATIVOS

Pensar é como fazer. Quem só faz e não pensa só faz uma parte. Para a beleza é imperioso acreditar. Quem não acredita não está preparado para ser melhor do que já é. Até para ver a realidade é importante acreditar. A minha mãe disse que eu virei um sonhador. Para mudar o mundo, sei bem, é preciso sonhar acordado. Apenas os que desistiram guardam o sonho para o tempo de dormir (MÃE, 2019, p. 31).

Este produto educacional é fruto da pesquisa ‘Se fosse um passarinho, também iria voar’: a escola e a educação das crianças em situação de acolhimento institucional” desenvolvida por Mariana de Almeida de Moura, sob orientação da Profa. Dra. Marta Regina Paulo da Silva no mestrado profissional em educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), que teve por objetivo compreender como vêm sendo construído o fazer pedagógico no cotidiano da escola com crianças sob tutela do Estado, segundo a percepção das(os) docentes.

A docência dialógica, que na pesquisa defendemos, foi ratificada pelos resultados que revelam a deficiência de formações que envolvem as temáticas intrínsecas à relação entre a escola e a criança em situação de acolhimento institucional.

Todos(as) os(as) participantes pontuaram a urgente necessidade de diálogos envolvendo as crianças acolhidas, suas especificidades e as práticas pedagógicas com elas construídas. Com exceção de um, os(as) entrevistados nunca haviam discutido essa relação em momentos formativos, informando que, em suas ações, convivem com a angústia de “não saber” o que fazer diante da presença dessas crianças, balizando suas vivências profissionais em “testes, tentativas, acertos e erros”, na maioria das vezes, de maneira solitária e individual.

Em face das necessidades, anseios e sugestões dos(as) professores(as), na tentativa de sobrepujar as (in)visibilidades que acompanham esses(as) meninos e meninas em suas vivências escolares, rompendo com a cultura do silêncio diante das formas de discriminação e exclusão reproduzidas no chão da escola, o produto educacional desta investigação será uma proposta dialógica/formativa. Por meio dela, objetivamos não somente compartilhar os resultados aqui encontrados, mas também considerar os relatos sobre os assuntos negligenciados nas rotinas educacionais, os

dados que caracterizam as singularidades das crianças sob tutela pública e os marcadores de opressão que as acompanham.

Rompendo com a lógica da educação verticalizada e agindo em favor da construção de estratégias possibilitadoras, empáticas, ancoradas em respeito, escuta, reflexão coletiva, esperança e amorosidade, pretendemos, com esta proposta de formação, fomentar diálogos críticos, possibilitadores de melhores experiências tanto para educadores(as) como para estudantes sob tutela pública. A intenção é que os(as) profissionais se percebam mobilizados(as) a repensar e transformar suas práticas em prol de uma educação libertadora, engajada, humanizada, emancipadora e compartilhada. Para Freire (2019b, p. 135), a superação da educação bancária se justifica na resistência e na mudança:

[...] em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face de nossa própria formação (mesmo quando se lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida” e “codificada” em unidades de aprendizado.

Nessa perspectiva, utilizaremos o “Círculo de Cultura”, peça fundamental no movimento de educação popular. Esse método democrático foi criado por Paulo Freire, grande referência nesta pesquisa, que parte do pressuposto da construção do conhecimento por meio do diálogo e de espaços em que não se transmite, mas se constrói conhecimento, em que todos(as) os(as) envolvidos(as) ensinam e aprendem. Nas palavras de Freire (2019b, p.135), sobre os debates instituídos no Círculo:

[...] ora [*estavam*] em busca do esclarecimento de situações, ora em busca de ação mesma, decorrente do esclarecimento das situações. A programação desses debates nos era oferecida pelos próprios grupos, através de entrevistas que mantínhamos com eles e de que resultava a enumeração de problemas que gostariam de debater. [...] Estes assuntos, acrescidos de outros, eram tanto quanto possível, esquematizados e, com ajudas visuais, apresentados aos grupos, em forma dialógica. Os resultados eram surpreendentes (*grifo nosso*).

Desse modo, as unidades que pretendemos contemplar surgiram dos diálogos propiciados pelas entrevistas desta investigação, dos assuntos problemáticos levantados pelos(as) próprios(as) docentes, tal como das lacunas que percebemos em suas falas, em decorrência dos preconceitos estruturais e dos processos de negação e segregação historicamente articulados e perpetuados. Os assuntos que também surgirão nesses diálogos serão considerados, visando a uma proposta longe

de engessada, viva e constantemente em construção, ou seja, um trabalho de complementaridade e reciprocidade.

Como local para realização do Círculo, temos o curso de Pedagogia da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), diante do convite já recebido e dos apontamentos dos(as) participantes quanto à importância de se discutir, já na formação inicial, as questões relacionadas às crianças acolhidas, tal como as dificuldades que eles(as) relataram sobre o início da profissão docente em face de tais desafios. Ademais, pretendemos que esta proposta auxilie os(as) educadores(as), gestores(as), representantes dos órgãos centrais e profissionais dos serviços de acolhimento das Prefeituras do Grande ABC e de outras regiões, se assim concordarem, tal como quaisquer instituições educacionais que encontrem, nestas páginas, possibilidades de elaboração de melhores práticas e vivências, sem nenhuma intenção de esgotar as discussões sobre a temática. Pelo contrário, almejamos que sementes possam surgir, e que fagulhas de transformações sejam fomentadas, consideradas e multiplicadas no chão da escola.

1.1 Descrição da proposta do produto

O material que embasará as discussões tem, como norte, a relação entre a escola e a criança sob tutela do Estado. Será composto por “situações existenciais”, que, segundo Freire (2019b, p.150), “funcionam como desafios aos grupos. São situações-problemas, codificadas, guardando em si elementos que serão descodificados pelos grupos, com a colaboração do coordenador”. Para tanto, serão utilizados os relatos relacionados a esta investigação, bem como os relatos dos(as) próprios(as) participantes do Círculo, textos, imagens e vídeos.

Os Círculos terão, como pressuposto, os “temas geradores”, estratégia metodológica freiriana aliada ao processo de conscientização da realidade opressora intrínseca às sociedades desiguais. Os temas irão emergir dos Círculos de Cultura e seus/suas participantes, uma vez que, “[...] o ‘tema gerador’ não se encontra nos homens isolados da realidade, nem tampouco na realidade separada dos homens” (FREIRE, 2019d, p. 136). Assim, eles só poderão ser compreendidos nas relações entre sujeito e mundo, no processo de pensar e atuar, individual e comunitário, sobre a realidade, de modo a serem definidos compartilhada, participativa e coletivamente.

A priori alguns conteúdos problematizadores surgiram dos relatos docentes que constituíram os dados da investigação - disponíveis através do link: <https://drive.google.com/drive/folders/1fAAPZ0h0TnkBn0ynJ5Cm262KwKfCiTEG?usp=sharing> - e serão revisitados e utilizados nas discussões com o grupo e a partir delas.

Os conteúdos elencados foram balizados por assuntos recorrentes nas entrevistas, constituintes das categorias de análise que foram elaboradas na pesquisa (Anexo A), e apontados pelos(as) participantes como essenciais no diálogo sobre as crianças acolhidas e suas vivências escolares. Desse modo, almejamos desencadear possíveis discussões conscientizadoras sobre as experiências concretas do chão da escola e do imaginário em torno das vivências docentes escolares e, a partir desse movimento dialógico acerca da realidade, contribuir para a elaboração de novos conhecimentos e, inclusive, fomentar possíveis temas, em um processo inacabado, em constante estruturação (FREIRE, 2019d).

Embora seja nossa pretensão dialogar sobre quem são as crianças em situação de institucionalização e o trabalho realizado com elas, as suas identidades e a dos(as) entrevistados(as) na investigação serão preservadas ao longo de toda a formação.

Essas estratégias servirão de apoio para a construção dos diálogos, possibilitando que todos e todas se expressem democraticamente, tendo como estruturação inicial e totalmente mutável uma carga horária de 12 horas, divididas em 4 encontros, de 3 horas cada, com a presença da pesquisadora como Coordenadora de Debates, mediadora e incentivadora dos diálogos. Os conteúdos propostos a seguir, bem como as dinâmicas poderão ser modificados em função do desenvolvimento dos círculos, que, por sua vez, serão constantemente avaliados e repensados coletivamente pelo próprio grupo.

1.1.1 Primeiro encontro: “A criança em situação de acolhimento institucional”

Trata-se da abertura de diálogos sobre quem são essas crianças, escutando e problematizando as percepções de estudantes de Pedagogia, docentes e gestores(as), com base nos dados nacionais que caracterizam a criança em situação de institucionalização, atentando para os marcadores sociais de opressão que a interseccionalidade nos permite observar, bem como as heranças históricas atreladas à assistência às crianças pobres do Brasil. Nesse ponto, serão considerados os

preconceitos estruturais e as formas de subordinação, dominação e opressão a que estamos subjugados(as) em maior ou menor medida, refletindo sobre os processos de segregação que afetam essas crianças.

Materiais de apoio: relatos advindos dos resultados da pesquisa; gráficos dos dados nacionais no que tange à institucionalização brasileira, no recorte de raça, gênero e motivações para o acolhimento; leitura do conto “O rosto”, presente no livro “Contos de cães e maus lobos” (MÃE, 2017, p. 79-86). Nesse conto, o autor conduz os(as) leitores(as) a um universo de negações, ausências e simplicidade, convidando todos(as) a uma reflexão, por meio da forma poética como descreve o papel da escola na vida de uma criança, sobre a importância de apreender o que nos dizem aqueles(as) nos cercam sem o uso da palavra, somente através de seus rostos, mesmo que, por vezes, não queiram dizer ou queiram e não saibam como fazê-lo. Esse texto será uma provocação acerca da importância do fazer docente na consideração e representação dos diferentes sujeitos nas rotinas escolares.

1.1.2 Segundo encontro: “As (in)visibilidades intrínsecas à relação escola/criança acolhida”

Objetiva o fomento de diálogos acerca dos “outros sujeitos” na instituição escolar, reconhecendo a história da educação pública brasileira. Incentivo a uma discussão envolvendo o papel da escola como mantenedora de exclusões, opressões e a possibilidade de novas pedagogias.

Materiais de apoio: relatos advindos dos resultados da pesquisa e dos(as) próprios(as) participantes da formação; vídeo “Umbrella”, curta-metragem brasileiro em animação, criado, escrito e dirigido por Helena Hilario e Mario Pece, indicado ao Oscar 2021, disponível em <https://youtu.be/BI1FOKpFY2Q>. O curta, baseado em uma histórica verídica, conta a história de um menino acolhido, que queria ter um guarda-chuva amarelo. No decorrer da história, há uma explicação para esse desejo da criança, atrelado ao que viveu anteriormente à institucionalização. Convidaremos os(as) participantes a recordar seus “guarda-chuvas amarelos” e refletir sobre a forma como nos aproximamos ou não das histórias dos(as) estudantes, como consideramos ou não suas experiências, saberes, conhecimentos e como essas histórias estão entrelaçadas às vivências educacionais; leitura do livro “Uma família é uma família é uma família” (O’LEARY, 2017), convidando as(os) docentes ou futuros(as) docentes

a imaginar como seria dividir essa história com uma turma em que haja uma criança em situação de acolhimento institucional e refletir sobre as (in)visibilidades desses(as) meninos e meninas, que são os(as) mais oprimidos(as) entre os(as) oprimidos(as).

1.1.3 Terceiro encontro: “Práticas Pedagógicas, dificuldades e possibilidades na docência da criança sob tutela pública”

Propostas de diálogos sobre as dificuldades que os(as) docentes e equipe gestora encontram ou imaginam poder encontrar no trato com as crianças sob tutela pública, os papéis que esses(as) profissionais têm na educação desses(as) meninos(as) e o compartilhamento das possibilidades encontradas durante as entrevistas, com vistas a novas pedagogias emancipadoras, tal como à elaboração coletiva de outras possibilidades que possam surgir nesse debate.

Material de apoio: relatos advindos dos resultados da pesquisa e dos(as) próprios(as) participantes; trecho do décimo episódio da segunda temporada da série “Anne with na E”, baseada no livro de 1908, “Anne of Green Gables”, de Lucy Maud Montgomery e adaptada pela escritora e produtora Moira Walley-Beckett, que foi ao ar pelo canal canadense CBC e está disponível pela Netflix. No trecho do vídeo a ser apresentado, a professora do vilarejo defende a superação das práticas bancárias tradicionais, por meio da educação libertadora e transformadora, sobre a qual dialogaremos nesse encontro, enriquecendo tais discussões.

1.1.4 Quarto encontro: “A valorização das diferenças contra qualquer forma de segregação”.

Proposição de situações para discussão do grupo, que dialoguem com a valorização das diferenças, a postura combatente em face de qualquer forma de discriminação, bem como o papel do Estado e da escola na opressão dos(as) menos favorecidos(as), marcando o fazer docente como político, ético, sério e amoroso.

Material de apoio: relatos advindos dos resultados da pesquisa e dos(as) próprios(as) participantes; leitura de trechos do livro “Casa das estrelas: o universo pelo olhar das crianças” (NARANJO, 2018) sobre a significação das crianças para as palavras: adulto (p. 20); criança (p. 39-41); família (62-63); lar (76-77); mãe (p.83); professor (p.111). Com base no que disseram as crianças, nossa intenção é que seja possível a reflexão sobre: a homogeneização, a criança como ator social, a

importância da representatividade e do respeito e a valorização das diferentes crianças e contornos familiares.

Ao longo dos encontros, serão sugeridas: leituras sobre a temática; filmes; animações e documentários que possam contribuir com os debates; imagens e outros materiais. Algumas leituras serão indispensáveis e, por isso, já podem ser anunciadas: “Que Outros Sujeitos, que Outras Pedagogias?” (ARROYO, 2014, p. 37-47); “Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível” (FREIRE, 2019c, p. 74-82); “A arte de governar crianças. Lições do passado, reflexões para o presente” (RIZZINI; PILLOTTI, 2011, p. 323-329); e “Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas” (CANDAUI, 2011); “Escola cidadã e crianças em situação de acolhimento institucional: um diálogo desde a Pedagogia da Autonomia de Paulo Freire” (MOURA; SILVA, 2020); “Acolhimento institucional no contexto histórico brasileiro pós Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)”; “Escola, docência e a criança sob tutela do Estado” e “A criança em situação de acolhimento institucional: um olhar interseccional”, ambas seções da dissertação “‘Se fosse um passarinho, também iria voar’: a escola e a educação das crianças em situação de acolhimento institucional” (MOURA, 2021).

Cabe ressaltar que o assunto é pouco discutido e, por essa razão, grande parte dos(as) docentes brasileiros(as) pode ainda não ter vivenciado o trato com a criança sob tutela pública. Diante disso, tomaremos cuidado para que os encontros não se tornem meramente teóricos ou expositivos, o que iria totalmente contra o caráter dialógico da proposta. Desse modo, serão incentivadas, contempladas e discutidas as situações reais relatadas pelos(as) participantes do Círculo, seguindo a proposição de Freire de partir da realidade para, então, refletir sobre e voltar à prática: ação-reflexão-ação (FREIRE, 2019c).

A formação nessa dimensão, por meio da utilização dos Círculos de Cultura, é, por si só, a vivência de uma educação dialógica, que pode também ser estendida ao trato com as crianças, servindo de possibilidade e ferramenta para aqueles(as) que dela participarem. As contribuições surgidas em cada encontro permitirão sua própria transformação e atualização.

Destarte, tal como assegurar o caráter flexível e cooperativo dos Círculos, discutir os assuntos prévios e cuidadosamente escolhidos para os encontros é fundamental, uma vez que os dados da pesquisa indicam que:

- a herança histórica da institucionalização com seu caráter punitivo, segregatório, higienista continua a reverberar;
- as presenças das crianças acolhidas são fortemente marcadas como problemáticas, sendo caracterizadas nas entrevistas como sujeitos de falta, carentes, violentas, apáticas;
- há desconhecimento acerca da necessidade de políticas afirmativas nas vivências escolares das crianças sob tutela pública, de modo que a uniformização acaba por ser comumente defendida;
- o reconhecimento positivo de sua imagem, história e ancestralidade na busca pela sensação de pertença é importante na vivência escolar da criança acolhida e em sua vida para além da instituição;
- é alarmante a ausência de participação e protagonismo infantil nas rotinas escolares;
- a escola está despreparada para lidar com a reação dos corpos infantis brutalmente violentados;
- há uma tensão entre o sigilo legítimo que acompanha os(as) meninos e meninas sob tutela do Estado e as (in)visibilidade impostas a eles e elas;
- existem dúvidas sobre a educação libertadora e a disciplina escolar;
- os(as) educadores(as) preocupam-se com a ausência de diálogos sobre essas crianças no chão da escola;
- um caminho possível para a efetivação da educação de boa qualidade para as crianças em situação de institucionalização é a afetividade/amorosidade, de modo que os diálogos neste sentido podem contribuir com a defesa da prática docente humanizadora, libertadora e equitativa.

O plano dos diálogos formativos será melhor delineado antes de sua realização, com auxílio de uma assistente social, que gentilmente contribuiu com a divulgação dos dados que permitiram, nesta investigação, caracterizar os serviços de acolhimentos. Ademais, como responsável pela organização e supervisão das instituições de um dos municípios da Região do Grande ABC, essa profissional poderá favorecer as discussões com o olhar da assistência social, que nos falta. A parceria surgiu do relato da própria assistente quando procurada no início da pesquisa. Na ocasião, ela informou seu antigo desejo de instaurar um diálogo entre saúde e educação, bem como mencionou a dificuldade enfrentada para propor uma formação

para os(as) profissionais da educação, buscando aproximação e cooperação. Sua identidade será preservada diante da possibilidade de repressão, anunciada pelas inúmeras negações que encontramos, por parte dos órgãos municipais responsáveis, no caminho da efetivação desta pesquisa.

Espera-se ao longo dos encontros aqui propostos, ir construindo junto ao grupo e através dele, uma carta de intenções, um decálogo, com preceitos e sugestões educacionais resultantes das discussões propiciadas pelo Círculo, pretendendo com isso compartilhar os conhecimentos construídos a partir dos diálogos vivenciados e provocar outras discussões, uma vez que “[...] no esforço de manter viva a esperança indispensável à alegria na escola, educadoras e educadores, não importa o que ensinem, deveriam analisar sempre as idas e vindas da realidade social” (FREIRE, 2019a, p. 154). Além da carta de intenções, que pretendemos divulgar e tornar pública, será elaborado um artigo referente à esta formação, de modo a ampliar o debate sobre esta temática, bem como dar visibilidade às vozes dos(as) (futuros/as) docentes.

Temos a ciência de que qualquer defesa no que tange a vivências transformadoras encontra resistência da pessoa ou da situação que não quer ser transformada. No entanto, como sujeitos da história, e não objetos passivos, fatalistas, não queremos deixá-la da forma como encontramos. Por isso, continuaremos a tentar transformá-la. Ter compromisso com nossos(as) estudantes e com a classe docente e gestora, coletiva e individualmente, é expressão crítica da educação transformadora, emancipadora, rompendo seu caráter meramente conceitual. Ao nos transformarmos e nos engajarmos na luta por uma educação libertadora para todos e todas, de algum modo, articulamos transformações no mundo, na sociedade e nos(as) outros e outras.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CANDAU, Vera M. F. Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas. Rio de Janeiro: **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p. 240-255, 2011.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019a.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 45 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 60 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019d.

MÃE, Valter H. **Contos de cães e maus lobos**. Porto, Portugal: Porto Editora, 2017.

MÃE, Valter H. **As mais belas coisas do mundo**. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2019.

MOURA, Mariana de A. de; SILVA, Marta R. de P. Escola cidadã e crianças em situação de acolhimento institucional: um diálogo desde a pedagogia da autonomia de Paulo Freire. **Crítica Educativa**, v. 6, p. 01-08, 2020.

MOURA, Mariana de A. de; SILVA, Marta R. de P. Acolhimento institucional no contexto histórico brasileiro pós Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). **Revista Cocar**, v. 15, n. 3, p. 01-20, 2021.

MOURA, Mariana de A. de. **'Se fosse um passarinho, também iria voar'**: a escola e a educação das crianças em situação de acolhimento institucional. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Municipal de São Caetano do Sul / Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado Profissional, São Caetano do Sul, p. 281. 2021.

NARANJO, Javier. **Casa das estrelas**: o universo pelo olhar das crianças. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

O'LEARY, Sara. **Uma família é uma família é uma família**. São Paulo: Brinque-Book, 2017.

RIZZINI, Irene; PILOTTI, Francisco. **A Arte de Governar crianças**: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXO A

QUADRO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE DA PESQUISA: ‘SE FOSSE UM PASSARINHO, TAMBÉM IRIA VOAR’: A ESCOLA E A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL”

Saberes e fazeres pedagógicos no cotidiano da escola com crianças sob a tutela do Estado: percepções docentes	
Categorias de análise	Descrição
<i>Percepções docentes sobre quem são as crianças em situação de acolhimento institucional</i>	O viés interseccional que acompanha a pesquisa contribui para a discussão acerca do modo como vem sendo construído o fazer pedagógico no cotidiano da escola com crianças sob tutela do Estado, na medida em que permite considerar suas vivências nas rotinas escolares, tal como os marcadores de opressão que as acompanham, sejam fatores etários, étnico-raciais, de classe social, gênero, entre outros, bem como suas sobreposições e seus desdobramentos. Partindo dessa premissa, buscou-se, inicialmente, dialogar sobre a concepção dos educadores e das educadoras no que tange às crianças acolhidas, refletindo sobre a forma como descrevem esses(as) meninos(as).
<i>Desafios e possibilidades na prática pedagógica com a criança acolhida</i>	Esta categoria evidencia o foco da pesquisa: as práticas pedagógicas com a criança sob tutela do Estado. Nela constam os relatos sobre os desafios enfrentados pelos(as) professores(as), tal como as práticas por eles(as) aludidas como tentativas em suas experiências pessoais. Desse modo, colaboramos para uma reflexão sobre as possibilidades vivenciadas e as dificuldades enfrentadas.
<i>A interação com as crianças e os(as) adultos(as) da escola</i>	Entendemos a equipe escolar e as próprias crianças, em situação de institucionalização ou não, como parte relevante das práticas pedagógicas. Estão presentes nesta categoria os relatos dos(as) docentes sobre como se dão as interações escolares entre a criança em situação de acolhimento institucional, as demais crianças e os profissionais da escola, bem como os desdobramentos dessas relações nas vivências escolares desses(as) meninos(as).
<i>Relação entre a escola e o serviço de acolhimento</i>	Categoria em que se discute a relação entre família e a escola, na percepção dos(as) educadores(as). Vale ressaltar que a premissa da importância familiar como parceria nas vivências escolares fomenta a discussão do papel do serviço de acolhimento na educação das crianças sob tutela pública.
<i>O papel da formação docente na relação entre educadores(as) e a criança em situação de institucionalização</i>	Composta em virtude da relevância da formação docente na construção dos saberes e fazeres pedagógicos, em especial no trato com a criança em situação de acolhimento institucional. Nesta categoria, promovemos uma discussão aprofundada acerca das ausências formativas, tal como as práticas positivas vivenciadas nesse sentido. Assim, apresentamos as sugestões dadas pelos(as) professores(as) com vistas a uma formação específica sobre as crianças acolhidas.